

EDUCAÇÃO FINANCEIRA PELA ABORDAGEM SOCIAL INERENTE

Erenice de Fátima Henchen

Pós-Graduanda em Planejamento Tributário

erenice_henchen@hotmail.com

(49) 9 9108-9108

RESUMO

Este trabalho objetivou compreender a importância do tema educação financeira pessoal em uma economia como a do Brasil. Como objetivos específicos, propôs-se a apresentar o conceito de educação financeira; sua importância não apenas no cotidiano de grandes empresas, mas nas finanças pessoais dos indivíduos; avaliar como incluir o tema educação financeira em uma economia consumista; analisar como a educação financeira ocorre no Brasil; e, analisar a possível relação existente entre o tema educação financeira e o endividamento dos indivíduos, apontando possíveis problemas de saúde desencadeados pelas dívidas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, considerando dados de pesquisas realizadas com os brasileiros, e, comparativas com brasileiros e estrangeiros. Os resultados da pesquisa demonstram que a inserção da educação financeira na vida dos brasileiros tende a ser muito positiva, embora se espere resultados práticos diferentes de acordo com as regiões do país que conta com culturas significativamente diferentes, além das diferentes condições de trabalho e ofertas de emprego, ainda assim, a perspectiva é positiva.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade o homem está inteiramente envolvido com situações relacionadas às finanças, independentemente de etnia, sexo, idade ou classe social (embora, há de se mencionar, sejam elementos que interferem diretamente nas despesas e receitas dos indivíduos). Isso porque, a economia está intrinsecamente inserida na vida das pessoas.

Contudo, mostra-se necessário analisar se o homem sabe lidar com suas próprias finanças de maneira adequada ou se é caso de imprimir nas novas gerações consciência econômica através da educação financeira, e como essa educação pode interferir no panorama econômico do Brasil.

Nesses termos, o problema de pesquisa corresponde a seguinte questão: qual a importância do tema Educação Financeira pessoal em uma economia como a do Brasil?

Considerando o cenário econômico brasileiro, buscou-se com o presente artigo avaliar a importância de promover a educação financeira pessoal em uma sociedade com as características da sociedade brasileira.

Para isso, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar o tema Educação Financeira, seu conceito e sua importância para a sociedade, especialmente nas finanças pessoais dos indivíduos;
- b) Avaliar como incluir o tema Educação Financeira em uma economia baseada no consumismo;
- c) Analisar se e como ocorre a implementação do tema Educação Financeira no Brasil;
- d) Analisar a possível relação existente entre o tema Educação Financeira e o endividamento dos indivíduos, apontando possíveis problemas de saúde desencadeados pelas dívidas;

A importância da pesquisa não se resume ao estudo acadêmico, mas projeta-se para a sociedade como um todo, já que problemas como endividamento e falência não são raros entre os brasileiros (pelo contrário, são comuns), e possuem direta ligação com a gestão financeira pessoal.

O presente artigo está estruturado em quatro seções considerando a introdução. A seguir, passa-se à revisão teórica, que aborda os tópicos mais importantes da pesquisa. O terceiro tópico corresponde às decisões metodológicas. O quarto tópico, sustentado pela revisão teórica, engloba a análise dos resultados. E por fim, apresenta-se a conclusão obtida com a pesquisa desenvolvida.

2 REVISÃO TEÓRICA

O alicerce desta pesquisa consiste na análise da importância da educação financeira na vida do indivíduo, na sua saúde, na sua situação econômica e, conseqüentemente, no cenário econômico de um país.

Primeiramente, será abordada a educação financeira de modo geral, sua conceituação e sua importância. Em seguida, abordar-se-á como a educação financeira interfere no mercado de consumo, com tópico específico para o cenário nacional. Após, será estudada a relação entre a educação financeira e o consumismo, para, ao final do referencial, analisar eventual ligação entre o endividamento e o surgimento de problemas de saúde nas pessoas.

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE

Educação financeira consiste no processo de aprimoramento dos conhecimentos relacionados às finanças em geral. Tem como objetivo capacitar o indivíduo – que absorve esses conhecimentos – para a administração consciente dos recursos financeiros, de modo que possa agir com maior responsabilidade e adquirir uma vida financeira mais saudável. Tratando-se de um elemento imprescindível para a vivência econômico-social, o dinheiro está presente no dia-a-dia do homem e, por isso mesmo, sua administração é fator fundamental para o desenvolvimento da sociedade (OCDE, 2005).

De acordo com Stehling e Araújo (2008), a educação financeira deve ser repassada às crianças o mais cedo possível, gerando consciência de como lidar com o dinheiro, justamente por estar presente em grande parte das sociedades. No mesmo sentido, Pires (2007), compreende que a instituição da mesada para as crianças se mostra uma maneira eficaz de proporcionar que os conhecimentos relacionados à educação financeira estejam desenvolvidos de forma madura e consistente quando chegar a hora de ser totalmente utilizada em suas vidas.

De acordo com os ensinamentos de Borges (2013), a aplicação dos estudos sobre educação financeira é uma forma de apresentar ao homem um novo horizonte, proporcionando o vislumbre dos benefícios do planejamento financeiro, de modo que ele possa decidir com mais propriedade sobre investimentos, permitindo mudanças de acordo com suas preferências e a melhor administração do próprio comportamento frente ao consumo, aperfeiçoando o gerenciamento das próprias finanças ou das finanças familiares. Geralmente o consumidor brasileiro possui a ideia de que é importante poupar dinheiro, e utiliza a poupança para isso, enquanto investimentos de outra natureza são menos utilizados, e isso se deve, sobretudo, à falta de conhecimento sobre o assunto.

Para Savoia, Saito e Santana (2007), o planejamento financeiro tem sido motivo de preocupação da comunidade mundial, a qual tem considerado, de forma geral, extremamente necessário que a população tenha conhecimento sobre este tema. Os autores ainda sustentam que alguns países, como Estados Unidos, Reino Unido e Canadá, desde 2007 têm desenvolvido programas que buscam esclarecer aos cidadãos questões relacionadas a crédito, seguro e investimento.

No Brasil, de acordo com a Associação de Educação Financeira do Brasil, entre os anos de 2010 e 2011 foi implantado um projeto piloto nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Tocantins, Ceará, e no Distrito Federal, tendo sido lançada a educação financeira nas escolas da rede pública, e, após análise do Banco Mundial, constatou-se que

o projeto piloto rendeu significativas mudanças com os alunos envolvidos, tendo melhorado, dentre outros aspectos, a capacidade de negociação de preços e a documentação das despesas mensais dos alunos.

O desenvolvimento adequado da capacidade de negociar preços, juntamente com a sistematização das despesas, organizando, e documentando-as, são fatores que possibilitam o planejamento financeiro do indivíduo, projetando uma melhora na qualidade de vida, já que conforme Wisniewski (2011), a falta de saúde financeira resulta em complicações na qualidade de vida do indivíduo, podendo acarretar problemas psicológicos, como estresse e depressão, e até problemas físicos, como hipertensão, doenças de pele, e assim por diante.

Peliciolli (2011), em sua dissertação sobre a relevância da educação financeira na vida dos jovens, reconhece a relação existente entre educação financeira e a matemática ensinada nas escolas, entretanto, argumenta que a maneira como, normalmente, é passada nas escolas, recorta a matemática da realidade, e a apresentam como um conceito abstrato, amputado de seus aspectos práticos, tornando-se apenas um conhecimento necessário apenas para conseguir a aprovação dos estudantes, quando deveria proporcionar-lhes aptidão para realização de tarefas diárias, as mais variadas possíveis, inclusive as que envolvem a troca de dinheiro por mercadoria.

Um dos objetivos da educação financeira é reduzir os impactos da instabilidade econômica do país e do mundo, em relação ao indivíduo. Quando o indivíduo não tem conhecimento sobre este tema, qualquer variação na economia pode afetá-lo sem que ele perceba sua origem, ou seus impactos. Desta forma, evidencia-se a importância da educação financeira, sendo uma ferramenta que permite certa previsibilidade do futuro, e que pequenos entraves tenham sua influência reduzida em relação à economia familiar (PELICIOLLI, 2011).

O controle das finanças pessoais engloba, dentre outros aspectos, a seleção consciente dos produtos adquiridos de acordo com a real necessidade do consumidor. Este fator pode ser um empecilho para o desenvolvimento do controle das finanças pessoais, uma vez que, normalmente, não é tarefa fácil evitar as compras compulsivas. Nesse contexto, para avaliar os efeitos da implantação da educação financeira na vida dos brasileiros, é necessário traçar um perfil do consumidor, especialmente em relação aos endividados, que compõem grande parcela dos consumidores brasileiros (PERKTOLD, 2008).

Como pode-se colher das afirmações alhures citadas, a educação financeira consiste em educar o homem sobre o controle dos gastos no presente, possibilitando a projeção para

o futuro. Ademais, a inserção da educação financeira não deve ocorrer tão somente na fase adulta da vida, mas desde a infância do indivíduo, inserindo em contextos relacionados com tarefas do dia a dia das crianças e adolescentes, de modo que cresçam com maior responsabilidade e proficiência financeira. Por fim, tem-se que a educação financeira pode resultar em impacto mediato no cenário econômico de um país. Deste modo, tendo em vista a pesquisa estar direcionada à educação financeira no Brasil, no próximo tópico analisar-se-á os gastos dos brasileiros (de maneira genérica) e como a educação financeira pode influenciar no mercado de consumo.

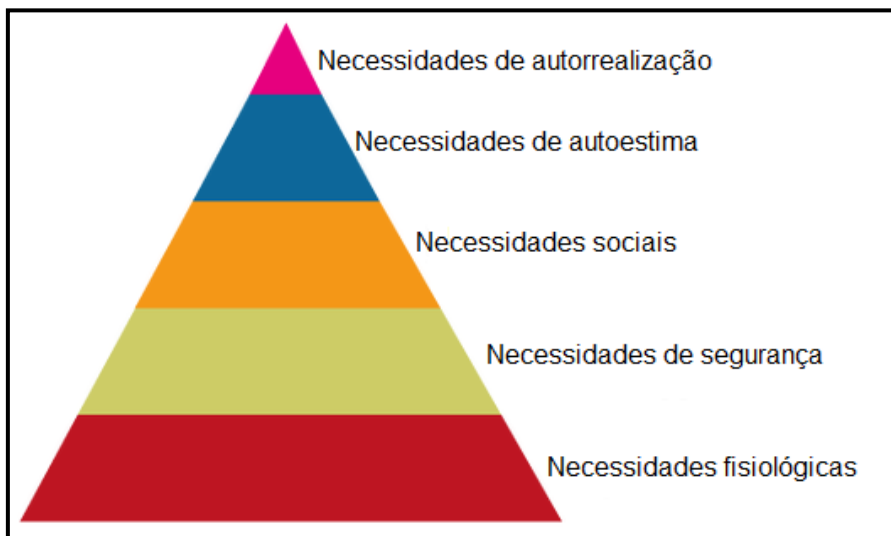
2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO MERCADO DE CONSUMO BRASILEIRO

De acordo com Wisniewski (2011), a publicidade, importante ferramenta de ligação entre cliente e fornecedor, utiliza-se dos mais variados meios para induzir os consumidores a adquirirem produtos, o que parece funcionar, já que de acordo com Limeira (2016), em 2015 o consumo das famílias brasileiras representou 63,3% do Produto Interno Bruto nacional.

O consumo, por sua vez, de acordo com Limeira (2016), é movido por duas variáveis: a necessidade e o desejo. Necessidade é a falta de algo que se apresenta como essencial à vida do indivíduo, como comida e produtos de higiene. Desejo, por outro lado, relaciona-se com a satisfação pessoal, com o prazer. Conforme a autora, embora inicialmente necessidade e desejo pareçam opostos, podem andar lado a lado e relacionar-se. Na prática, pode-se tomar como exemplo o indivíduo que adquire um duplo *hamburger* para saciar a fome e o desejo. Neste caso, como em todos os outros, as variáveis não andam pelo mesmo caminho, mas em um momento ou outro podem surgir convergências.

Doutro modo, Maslow (1976), autor da Teoria da Hierarquia das Necessidades humanas, discorre sobre várias categorias de necessidades, dando origem à conhecida pirâmide de Maslow, demonstrada na Figura 1.

Figura 1 - Pirâmide de Maslow



Fonte: Luana Neves (2019).

Conforme a Figura 1, seguindo a teoria de Maslow (1976), tem-se que necessidades fisiológicas englobam produtos básicos, necessários para a sobrevivência do ser humano, independente de classe social, sexo, ou etnia, como, por exemplo, alimentação, sono, abrigo, e assim por diante. Acima das necessidades fisiológicas temos as necessidades de segurança, que, de forma geral, tratam-se da busca da segurança em relação à violência, instabilidades, dentre outros.

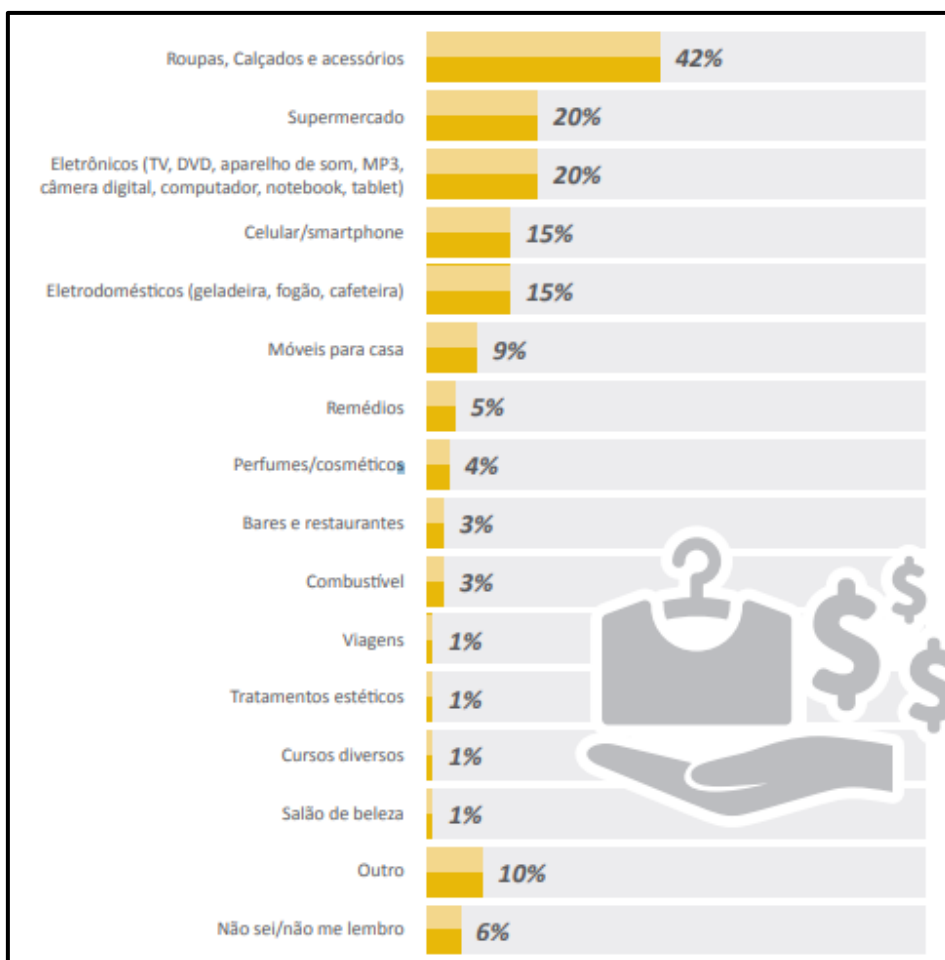
Necessidades sociais são aquelas que resultam do desejo de aceitação social, o que pode indicar a aquisição de determinado produto visando o pertencimento a certo grupo. As necessidades de autoestima traduzem-se em status, o consumo de produtos visando sentir-se bem consigo mesmo e diante da sociedade. E no topo da pirâmide de Maslow temos as necessidades de auto realização, que tratam-se das necessidades ligadas ao desenvolvimento pessoal, às conquistas individuais, ao prestígio do indivíduo (MASLOW, 1976).

Pode-se observar que, conforme se escala a pirâmide de Maslow, as necessidades sociais, de autoestima e de auto realização mantêm-se, no entanto, seus objetos de consumo, mesmo que dentro da mesma necessidade, variam de acordo com cada indivíduo e suas preferências, havendo também diferentes concentrações de necessidades, existindo indivíduos com mais necessidades sociais que outros, por exemplo. Contudo, as necessidades básicas (fisiológicas e de segurança), na base da pirâmide, são inerentes aos seres humanos, pois como o próprio nome sugere, são imprescindíveis para a vida digna (NEVES, 2019).

No Brasil, conforme uma pesquisa realizada pela empresa Multi benefícios, o maior

gasto do brasileiro está concentrado na base da pirâmide de Maslow: a alimentação. Contudo, conforme a cartilha elaborada em parceria entre a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas e o Serviço de Proteção ao Crédito do Brasil, do ano de 2018, além das compras nos supermercados, compras no crédito de itens como roupas, calçados, acessórios, e eletrônicos são os que mais levaram à inadimplência dos brasileiros, conforme demonstrado na Figura 2, extraída de referida cartilha.

Figura 2 - Produtos/serviços comprados no crédito que geraram a inadimplência



Fonte: Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas o Serviço de Proteção ao Crédito do Brasil. (2018).

Como se verifica da análise da Figura 2 em relação à Pirâmide de Maslow, os brasileiros têm se endividado significativamente com itens considerados como necessidades sociais, que são os eletrônicos, embora haja marcante presença no ranking de itens de necessidades fisiológicas (produtos de supermercado, roupas, calçados e acessórios). Isso significa que boa parte das dívidas dos brasileiros estão relacionadas à necessidade propriamente, mas a lista de endividados por conta de “desejos” não é curta, de modo que

parcela significativa das dívidas poderia ser evitada se, através da educação financeira, os indivíduos priorizassem aquilo que lhes é de fato necessário.

Conforme a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas e do Serviço de Proteção ao Crédito do Brasil (2018), as dívidas entre os brasileiros possuem variadas origens, evidenciando a necessidade da educação financeira no reestabelecimento do controle das finanças pessoais. É importante listar as dívidas com os respectivos juros, priorizando o pagamento daquelas com taxas mais elevadas, de modo a findar as dívidas capazes de aumentar significativamente o rombo financeiro.

No mesmo sentido, de acordo com Pires (2007), há a necessidade de disseminação da educação financeira nos tempos atuais. Manter em ordem as finanças pessoais possibilita análises projetadas para o futuro, seja para planejar novas aquisições, seja para quitar débitos já existentes.

De acordo com Domingos (2013), um dos fatores que propiciam o endividamento do brasileiro é a falta de educação financeira, que leva ao consumo compulsivo e exagerado. A dificuldade em definir o que é necessário e o que é desejo, ou mesmo a ambição por aproveitar promoções de determinados produtos, faz com que o número de endividados aumente, atingindo, além do indivíduo, todos os envolvidos em seu círculo econômico.

Segundo pesquisa da SERASA Expiran (2019), em 2019 o número de brasileiros inadimplentes bateu o recorde: 40,4% da população adulta estava com dívidas atrasadas, e as principais dívidas eram de água, energia elétrica e gás (produtos de utilidade básica). Conforme publicação da pesquisa, embora o desemprego figure na linha de frente dos inadimplentes, a falta de educação financeira é fator determinante para o aumento das dívidas, já que elementos como renda e escolaridade não são significativos para o controle das finanças pessoais dos brasileiros.

As autoridades brasileiras tem percebido o número de endividados aumentando, e seguindo o exemplo de outros países, vem buscando mecanismos para implantar a educação financeira na vida dos brasileiros, um deles, é a inserção da matéria na Base Nacional Comum Curricular (2018), a fim de que possa ser ensinada aos alunos do ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas como uma disciplina transversal, ou seja, em meio aos conteúdos das aulas de matemática, português, geografia, entre outras, promovendo assim o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes sobre seus gastos. Ainda, é possível acessar o canal Serasa Ensina, no YouTube, para aprender sobre Educação Financeira (SERASA EXPIRAN, 2019).

Conforme Saraiva (2017), historicamente, foi com a consolidação da racionalidade neoliberal que se deu o estopim para a implantação da educação financeira. Ainda de acordo com o autor, países como os Estados Unidos da América mantêm no ar um site com o objetivo de promover a educação financeira junto à população, ensinando os leitores a administrar e ampliar seu dinheiro, lembrando que gastar dinheiro é inevitável, mas há um modo sensato de fazê-lo, controlando impulsos e desejos promovidos pelo marketing.

Semelhante aos Estados Unidos, a França mantém um site direcionado a educar sua população sobre como gerir seu dinheiro e como escolher os produtos. Ambos os sites, dos Estados Unidos da América e da França, traçam princípios, ou tópicos, considerados fundamentais para a boa gerência das finanças pessoais. O Brasil também possui um site similar, à disposição da população para consulta, com estratégias destinadas a propiciar a adaptação dos cidadãos ao capitalismo financeiro. Portanto, pode-se observar que, assim como em outros países, o Estado brasileiro vem buscando inteirar sua população sobre educação financeira, a fim de reduzir o número de endividados e aumentar a consciência econômica da população (SARAIVA, 2017).

Dito isso, tem-se que a educação financeira pode impactar fortemente no mercado de consumo, uma vez que aprender a diferenciar necessidade de desejo, e priorizar os itens de necessidade fisiológica a assim sucessivamente de acordo com a Pirâmide de Maslow, são atitudes que tendem a diminuir o endividamento, permitindo que o indivíduo projete futuras aquisições com consciência e responsabilidade.

2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO CENÁRIO NACIONAL

De acordo com Carvas (2018), embora o expressivo número de endividados, o crescimento econômico e populacional brasileiro no século XXI tem gerado equivalente aumento no poder de compra, que também é facilitada por programas de crédito ao consumidor. Diante do cenário de endividamento dos brasileiros, o Estado tem adotado medidas com o objetivo de educar os cidadãos sobre a administração de suas finanças, uma vez que, a ausência de educação financeira relaciona-se diretamente com a dificuldade em acumular poupança e quitar as dívidas até a data do vencimento, o que prejudica o indivíduo e o orçamento familiar como um todo.

O mesmo autor ainda cita que segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2018, através do Programa Internacional de Avaliação de Alunos, que mapeia o conhecimento de alunos de vários países, em diferentes

esferas, foi possível observar que os brasileiros tiveram o pior desempenho possível, ficando em última colocação, na competência de “conhecimentos financeiros”, conforme gráfico na Figura 3.

Figura 3 - Percentual dos estudantes com baixo desempenho em conhecimentos financeiros no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos).



Fonte: OCDE (2018).

Conforme é possível observar, o Brasil ficou bem à frente dos demais países quando a questão é baixo desempenho em conhecimentos financeiros, de modo que 53% dos alunos que participaram da pesquisa, não alcançaram o mínimo conhecimento necessário para integrar a sociedade de forma economicamente consciente. Isto é, este desempenho demonstra a situação do conhecimento dos brasileiros em relação à educação financeira. Em convergência com esses dados, temos os grandes índices de cidadãos inadimplentes, o que demonstra certa conexão entre a falta de conhecimentos financeiros e a má administração das finanças familiares e individuais. Evidencia-se, portanto, a importância em se aplicar educação financeira desde a infância, e continuando até a vida adulta, como um processo imprescindível para o funcionamento adequado da economia em geral (CARVAS, 2018).

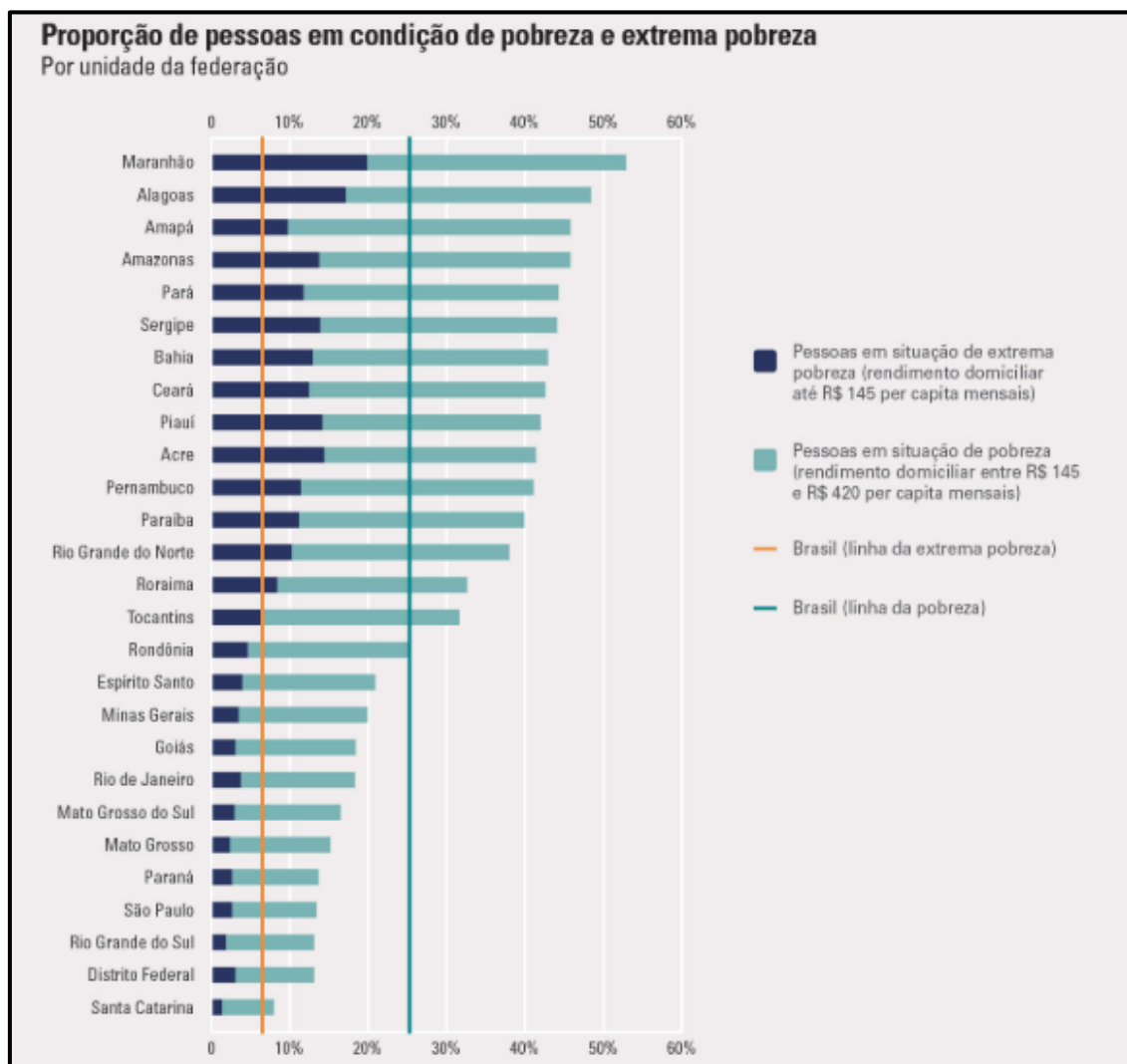
Amorim (2018), em seu artigo “Um país de analfabetos financeiros”, cita uma pesquisa realizada pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), salientando que o déficit em conhecimentos financeiros não paira somente sobre

os jovens, mas persiste na vida adulta, tanto é que, de acordo com a pesquisa, 48% dos empreendedores autônomos que faturam até R\$ 81.000,00 por ano, não fazem previsões de gastos, e 39% não registram todas as receitas, o que inviabiliza o planejamento e facilita o acúmulo de dívidas que comprometem o futuro financeiro.

Com base em dados de estudos desenvolvidos por diversos pesquisadores, Carvas (2018), verificou que o comportamento de um indivíduo frente à economia está diretamente relacionado ao seu conhecimento, e que, embora seja indiscutível a eficiência da educação financeira, os resultados obtidos após seu emprego podem ser diferentes, variando de acordo com a classe social a que pertence o indivíduo, sendo mais eficaz para pessoas com maiores condições financeiras, já que os mais carentes possuem menos dinheiro para aquisições, investimentos e poupança.

Dito isso, tem-se ainda que em um país geograficamente grande como o Brasil, a implantação da educação financeira pode apresentar resultados diversos de acordo com cada região. Isso porque, conforme dados divulgados pelo IBGE, em 2019, os Estados das regiões Sul e Sudeste apresentam menores taxas de pobreza, enquanto o ranking é liderado pelas regiões norte e nordeste, como demonstrado na Figura 4.

Figura 4 - Proporção de pessoas em condições de pobreza e extrema pobreza



Fonte: Síntese de Indicadores Sociais (2019).

A Figura 4 demonstra que o Estado com maior índice de extrema pobreza no Brasil, o Maranhão, conta com 20% de sua população nestas condições, representando mais do que duas vezes a média nacional, e todos os Estados das regiões Norte e Nordeste estão acima da média nacional de pobreza, enquanto Santa Catarina, por exemplo, possui o menor índice de extrema pobreza e de pobreza, desse modo, seguindo a linha de Carvas (2018), caso o Brasil incluía a educação financeira da vida de todos os brasileiros da mesma forma, Santa Catarina teria, em tese, os melhores resultados em percentuais, já que as pessoas com menos condições financeiras tendem a gastar o pouco que tem com necessidades fisiológicas, necessárias à sobrevivência, onde pouco pode ser reduzido.

De toda forma, Carvas (2018) crê que o Brasil tem grande potencial de crescimento após a implantação de uma “política de educação financeira”, já que a maioria das pessoas

teriam algo a aprender e melhorar, além de que já existem diversos modelos de outros países que podem servir de exemplos a ser ou não seguidos.

2.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E CONSUMISMO

Consumismo, de acordo com o Diana (2020), é o ato de adquirir produtos ou serviços de maneira exagerada. É uma tendência que surge com a Revolução Industrial, quando houve aumento da produção e por consequência o aumento do consumo. Trata-se de um impulso interno e involuntário que leva o indivíduo a comprar, influenciado pela mídia e pela publicidade, como dito anteriormente (SANTANA).

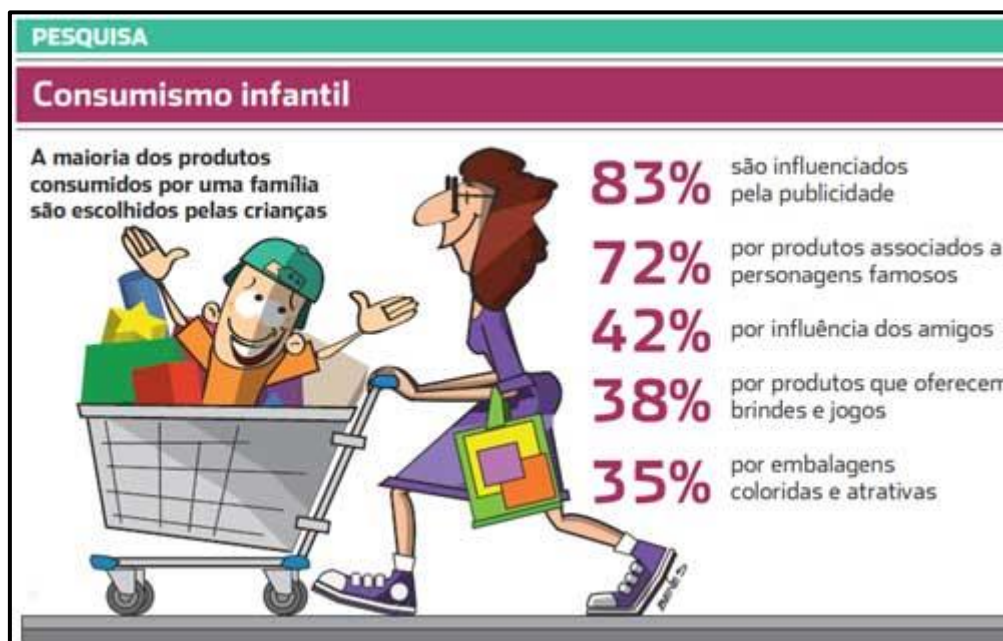
De acordo com Diana (2020), o consumismo é um aspecto da própria modernidade, sociedade por muitos intitulada “sociedade do consumo”. É sabido que o consumo é necessário na vida dos indivíduos, e é parte do dia a dia das pessoas há muito tempo, mas aumentou significativamente a partir da Revolução Industrial, quando produção e demanda aumentaram expressivamente.

Importante frisar aqui, que consumo e consumismo possuem significados diferentes. Como dito, consumo faz parte da rotina do homem, e consumismo está ligado ao consumo exagerado, desnecessário, e é capaz de trazer inúmeros prejuízos ao consumidor, que, por vezes, compra o que não precisa gastando o dinheiro que nem tem, gerando dívidas e mais dívidas (DIANA, 2020).

A quem entenda que o consumismo é desencadeado no homem ainda na sua infância, como Lima (2015), que sugere que o contato do homem com o consumo acontece desde quando criança, consumo este facilitado pelas redes de lojas que comercializam produtos a preço de pechincha (como as famosas lojas de R\$ 10,00). Com preços tão acessíveis, torna-se fácil substituir um brinquedo quebrado por outro novo, porém, essa facilidade em trocar o usado pelo novo, sem pensar no custo que isso tem, fica no subconsciente do consumidor, que, na fase adulta, se assemelha à “necessidade” – na verdade mero desejo – de trocar o celular do modelo do ano passado por um modelo novo, mesmo que o antigo celular ainda desempenhasse corretamente suas funções.

Ainda sobre consumismo infantil, Barros Filho (2014), menciona que oitenta por cento das compras domésticas passam diretamente pela vontade da(s) criança(s), o que vai ao encontro do disposto na Figura 5:

Figura 5 - Consumismo Infantil



Fonte: Ministério Público de Goiás (2013).

Embora os indicadores da Figura 5 confirmem quem a publicidade é a principal influenciadora no momento de consumir, há uma informação mais relevante na Figura, o fato de que a maioria dos produtos consumidos por uma família são escolhidos pelas crianças. Nesses termos, a informação reforça a ideia de Lima (2015), que impõe à carência de orientação das crianças na infância quanto ao consumo, o resultado de adultos com dificuldades em lidar com o trabalho e com questões financeiras.

Conforme dados da pesquisa realizada pelo Instituto Akatu, citada por Gonzales (2018), 76% das 1.090 pessoas entrevistadas na pesquisa, não praticam o consumo consciente.

Dito isso, tem-se que é possível estabelecer uma relação entre o contato que as crianças tem com o consumo e a expressiva população adulta endividada por consumir sem responsabilidade. Por isso, mais uma vez vem à tona a importância de se educar financeiramente as crianças e adolescentes, pois, como ensina Lima (2015), educação financeira é um alicerce para que o futuro seja de adultos conscientes em suas finanças, capazes de decidir com autonomia e saber lidar com receitas e despesas.

Ainda dentro tópico que trata sobre o consumo, cabe mencionar que a educação financeira pode ter grande impacto sobre a saúde da natureza, uma vez que, ensina atitudes como: repensar sobre o descarte, reduzir o consumo desnecessário, reutilizar e recuperar os

produtos, e, dentre outros, reciclar materiais, como forma de evitar gastos desnecessários. Essas lições contribuem também para um meio ambiente mais equilibrado e sustentável (DSOP EDUCAÇÃO FINANCEIRA, 2014).

Porém, a educação financeira não interfere apenas na saúde do meio ambiente, mas também na saúde do próprio homem, por isso, destaca-se a importância do tópico a seguir, onde tratar-se-á sobre uma consequência da carência de educação financeira, consistente no endividamento, relacionada à saúde do ser humano.

2.5 ENDIVIDAMENTO E SAÚDE

Como visto até o momento, a má gestão das finanças pessoais pode desencadear o inadimplimento pessoal e familiar. Sem dúvidas, estar inadimplente gera uma série de outras consequências, mas será que dentre elas pode-se citar problemas de saúde? É isso que se pretende identificar no presente tópico: eventuais problemas de saúde desencadeados pelo endividamento do indivíduo.

De acordo com Oliveira (Brenner 1979, 1987,1997 *apud* Oliveira, 2018), instabilidades na economia tendem a piorar a saúde da população, causando aumento do número de mortes por suicídios e homicídios, além de aumentar problemas em função do consumo excessivo de álcool. Ainda de acordo com o autor, analisando números de vinte e seis estados brasileiros, houve queda nos números de óbitos quando da melhora das condições macroeconômicas.

Pode-se afirmar que tanto no aspecto positivo como no negativo, a saúde financeira interfere na saúde mental, proporcionando melhor ou pior qualidade de vida, de modo que a saúde financeira deve ser tão bem cuidada quanto a física e mental. Quando não são adotadas medidas para proporcionar a saúde financeira, o surgimento das dívidas é capaz de desencadear no ser humano um estado mental de irritabilidade, gerando situações de estresse, mau humor, desânimo, medo, tristeza, ansiedade e depressão (Sleiman, 2019).

Nesse sentido, Navarro (2014), elencou quatro consequências do endividamento na vida das pessoas, sendo eles: **a)** estresse e problemas de saúde; **b)** depressão; **c)** problemas de relacionamento; e, **d)** queda de produtividade e concentração no trabalho. Em relação ao estresse e problemas de saúde, pode-se afirmar que acontece porque a consciência sobre o endividamento tende a gerar stress, liberando no organismo hormônios que podem desencadear, dentre outros problemas de saúde, úlceras, insônia e aumento da pressão

arterial. Do mesmo modo, o stress pode precipitar a depressão em pessoas com essa predisposição.

Em relação aos problemas de relacionamento, Navarro (2014) menciona a problemática cultural brasileira consistente na dificuldade que as famílias apresentam em falar sobre educação financeira, de maneira que, quando finalmente a conversa vem a acontecer, costuma ser tarde demais, e os problemas financeiros já tomaram grandes proporções.

Os problemas no trabalho permeiam por aspectos essenciais ao trabalhador, como a redução da concentração nas tarefas desempenhadas, a diminuição da paciência com colegas, e especialmente, a baixa produtividade. Além de que, trabalhadores com problemas financeiros destinam o tempo que deveria ser utilizado para o trabalho, para cuidar de assuntos pessoais (NAVARRO, 2014; SLEIMAN, 2019).

Tudo isso vai ao encontro do que é afirmado por Sleiman (2019), que ressalta que os indivíduos inadimplentes tendem a ficar mais vulneráveis a outros problemas, o que também se confirma ao analisar-se a Figura 6, dando conta de outras consequências do endividamento.

Figura 6 - Consequências indiretas do inadimplimento



Fonte: Janaina Oliveira, 2019.

Como é possível observar na Figura 6, mais da metade dos inadimplentes tem brigas com alguém da família em razão de dívidas, o que reforça a afirmativa de que as dívidas causam problemas de relacionamento. Do mesmo modo, milhões de brasileiros têm o rendimento profissional afetado, problemas com insônia, e alterações emocionais e de apetite, o que vai ao encontro do que afirmou Navarro (2014).

Assim, mostra-se clara a assertiva de que a educação financeira pode auxiliar na melhora da saúde da população, quando os problemas de saúde estiverem relacionados às dívidas. Considerando que o número de endividados no Brasil é expressivo, como visto anteriormente, e que, segundo pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito 70% dos

inadimplentes sofrem de ansiedade e outros distúrbios, tem-se que a educação financeira pode ter papel fundamental na qualidade de vida dos brasileiros. (EQUIPE ORGANIZZE, 2020).

Assim sendo, constata-se que o endividamento tem direta relação com o surgimento de problemas de saúde do endividado, que vão desde dores de cabeça e alteração do sono até úlceras ou depressão. Dessa maneira, verifica-se a importância da educação financeira não apenas para a economia pessoal ou para o cenário econômico nacional, como visto anteriormente, mas destaca-se os benefícios que podem ser alcançados também na saúde da população.

3 DECISÕES METODOLÓGICAS

Este tópico tem como objetivo apresentar e descrever os procedimentos metodológicos executados na presente pesquisa. Nesse sentido, o presente trabalho foi confeccionado através de pesquisas bibliográficas e documentais. De acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica baseia-se na análise de estudos e trabalhos realizados por outros autores, analisando e discutindo as várias contribuições científicas, assim criando uma base para o artigo. É o pontapé inicial para o desenvolvimento de uma boa pesquisa.

Conforme lecionam Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica engloba toda bibliografia pública que trate sobre o tema objeto de estudo, e sua finalidade consiste em *“colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.”*

Já a pesquisa documental constitui a base da pesquisa qualitativa e serve para complementar os aspectos científicos levantados pela pesquisa bibliográfica. Conforme comenta Gil (2010), ela consiste na utilização de materiais que ainda não foram observados de forma analítica, buscando novas análises, utilizando materiais escritos, materiais estatísticos e elementos iconográficos.

Além disso, o trabalho conta com fontes estatísticas, que consiste em coletas de dados divulgados por órgãos particulares e oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, abrangendo os mais diversificados aspectos de determinada sociedade (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A metodologia empregada neste trabalho baseia-se na pesquisa qualitativa descritiva, que de acordo com Colles e Hussey (2005), o estudo descritivo se trata do modelo que busca determinar a frequência com que um fato ocorre ou com que uma variável tem a ver com outra. Dessa forma, buscou-se o impacto que a educação financeira tem em relação ao sucesso ou fracasso do orçamento pessoal.

Primeiramente foi conceituado todos os subtítulos presentes no trabalho com objetivo de montar uma base para o mesmo. Assim podendo fazer uma análise do impacto da educação financeira em diferentes dimensões: na economia pessoal; no cenário econômico nacional; e, na saúde dos brasileiros.

Analisaram-se dados colhidos por outros pesquisadores, dados estes não somente relacionados a brasileiros, mas também em relação a estrangeiros, tudo observando-se o nível de conhecimento sobre finanças e os resultados práticos que esse conhecimento alcança.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme indicado nas decisões metodológicas, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, proporcionando um debate sobre os impactos causados pela ausência ou fragilidade da educação financeira nas finanças pessoais dos brasileiros, com reflexo no cenário nacional.

Analisando os conceitos de educação financeira anunciados na pesquisa, pode-se afirmar que trata-se da maneira mais adequada de se organizar as finanças pessoais, com responsabilidade e planejamento.

Em um primeiro momento pode parecer simples, contudo, é mais complexo do que aparenta, pois envolve abstenções e escolhas que causam grande interferência no dia a dia, de modo que, a curto prazo, em algumas situações, pode parecer mera forma de tolher luxos, porém, ao contrário disso, o que ocorre é que com as finanças pessoais organizadas e com planejamento, a educação financeira proporciona mais autonomia ao indivíduo, que passa a tomar suas decisões observando as oportunidades e os riscos que o mercado tem a oferecer.

A pesquisa demonstrou que a educação financeira produz reflexos não apenas na economia do país ou na economia pessoal e/ou familiar, mas indiretamente interfere na saúde do planeta, favorecendo o desenvolvimento de um meio ambiente equilibrado, e além disso,

ainda é capaz de refletir benefícios na saúde das pessoas, em suas relações familiares e sociais, e na produtividade dos trabalhadores.

Vários países mundo a fora já tem percebido a importância da educação financeira para a sociedade, dentre eles cita-se o Brasil, que vem adotando medidas voltadas a oferecer conhecimento à população, visando, dentre outros, a diminuição no número de inadimplentes e do consumo irresponsável (consumismo), tendo implantado a educação financeira na Base Comum Curricular, garantindo que todas as crianças que tem acesso à educação, tenham também acesso à informações sobre finanças.

Contudo, em um país com a dimensão geográfica e a diversidade cultural como Brasil, a educação financeira pode trazer resultados diversos de acordo com a região, o que sugere um estudo aprofundado de políticas que possam, de alguma forma, igualar sua eficácia em todas as regiões, ou, ao menos, achatar o nível de desigualdade, porém, esse estudo é demasiadamente complexo, e requer outras linhas de estudo não abordadas nesta pesquisa.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Esta pesquisa objetivou compreender os impactos causados pela implantação da educação financeira na gestão de finanças pessoais no Brasil, de acordo com uma pesquisa bibliográfica.

Ao findar da coleta de dados, verifica-se que persiste a importância dada à educação financeira no início do trabalho, porém, destaca-se a importância em analisar todo o contexto em que vive o grupo em que se deseja disseminar o conhecimento sobre finanças.

Isso porque, educação financeira não é uma ciência exata, cujo resultado correto é apenas um, mas é uma ciência cujos resultados dependem muito mais da receptividade do indivíduo do que da proposta em si, já que tem direta relação com hábitos e escolhas pessoais e diárias.

Outrossim, conforme analisado, a eficácia da educação financeira repassada ao indivíduo depende de circunstâncias alheias ao seu domínio imediato, estando enraizadas em questões propriamente sociais.

Observou-se que, no ano de 2019, 40,4% dos adultos no Brasil estavam inadimplentes, enquanto em 2018, um estudo efetuado pela OCDE, demonstrou que, em comparação a vários outros países, alunos brasileiros obtiveram o pior resultado em

conhecimentos financeiros, em que 53% dos estudantes não atingiram a nota considerada mínima para se viver em sociedade pela OCDE.

Dito isso, tem-se que a relação entre o baixo conhecimento sobre finanças e o número de inadimplentes no Brasil, não é mera coincidência, mas o segundo decorre do primeiro, já que, sem saber lidar com as ofertas do mercado, com os créditos ofertados aos clientes, e com as instabilidades da própria economia, o indivíduo naufraga em um mar de dívidas, por vezes incapaz de quitar.

Outrossim, a educação financeira mostra ter potencial poder de solução de questões relacionadas ao consumismo, isso porque, tem a função de, dentre outros, conscientizar o consumidor sobre os bens necessários e os bens que permeiam a zona do “desejo”. Como visto, existem esferas que separam as necessidades do ser humano, algumas mais essenciais do que outras, e a educação financeira mostra ao indivíduo que nem tudo o que ele deseja ele necessita, instigando-o a exercer um senso crítico sobre as mensagens publicitárias veiculadas nas mídias. Educar financeiramente não significa deixar de consumir, mas consumir com responsabilidade e planejamento, evitando o acúmulo de dívidas impagáveis.

Ainda, não há como deixar de mencionar os resultados positivos que a educação financeira pode proporcionar, indiretamente, ao bem-estar físico, mental e social das pessoas. Isso porque, a carência de educação financeira nas finanças pessoais pode ser fator de risco para o endividamento. As dívidas, por sua vez, podem ser capazes de desencadear problemas de saúde como ansiedade, aumento da pressão arterial, stress e até mesmo depressão, ou ainda, problemas de convivência familiar ou baixo desempenho no trabalho.

Portanto, tem-se que, em determinadas situações, as consequências a pouco citadas podem ser evitadas com a implantação da educação financeira nas finanças pessoais dos brasileiros.

Assim sendo, verifica-se que a educação financeira dos brasileiros é essencial à melhora do cenário nacional, e, embora tenha sido inserida na Base Nacional Comum Curricular, precisa acompanhar as pessoas também depois do período de escola, não ser apenas mais uma matéria.

Por fim, importa esclarecer que ao desenrolar da pesquisa acadêmica, são citados alguns estudos e trabalhos desenvolvidos por outros estudiosos, dos quais se tira importante lição para eventual aperfeiçoamento da análise da educação financeira, qual seja, a necessidade de se efetuar uma pesquisa de campo com voluntários que queiram aprender sobre administração das finanças pessoais em cada região do país, buscando informações

sobre seus gastos, suas receitas, seus investimentos e eventuais poupanças, tanto antes quando após a apresentação da proposta de educação financeira, de modo que se possa aprofundar ainda mais os resultados práticos, algo semelhante ao projeto piloto citado neste artigo, realizado nas escolas de determinados Estados da Federação, com ênfase nas diferentes culturas e condições de vida encontradas no mesmo país.

REFERÊNCIAS

Associação de Educação Financeira do Brasil. **Educação Financeira no Ensino Médio**. Disponível em: <https://www.aefbrasil.org.br/index.php/programas-e-projetos/educacao-financeira-nas-escolas/educacao-financeira-no-ensino-medio/>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

BARROS FILHO, Clóvis de. **A publicidade e o consumo infantil**. 2014. Disponível em: <https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/a-publicidade-e-o-consumo-infantil.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, 2006.

BORGES, Paulo Roberto Santana. **A influência da educação financeira pessoal nas decisões econômicas dos indivíduos**. 2013. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/04-Pborgestrabalhocompleto.pdf. Acesso em: 08 de maio de 2020.

BRASIL, MEC, **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. versão, maio de 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 de maio de 2020.

CARVAS, Philip Santos. **A educação financeira como política de desenvolvimento financeiro e econômico no Brasil**. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/10735/1/A%20EDUCACAO%20FINANCEIRA%20COMO%20POLITICA%20DE%20DESENVOLVIMENTO%20Philip%20Santos%20Carvas.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos: finanças para casais**. 20. ed. São Paulo, Sp: Rosety M. Boschini, 2004.

COLLIS, J; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração: u65m guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

DIANA, Daniela. **O que é Consumismo?** 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-consumismo/>. Acesso em: 14 de maio de 2020.

DOMINGOS, Reinaldo. **Educação financeira como forma de diminuir o endividamento da população.** 2013. Disponível em: <https://www.dsop.com.br/artigos/2013/10/educacao-financeira-como-forma-de-diminuir-o-endividamento-da-populacao/>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

DSOP EDUCAÇÃO FINANCEIRA. **Educação financeira também faz bem para o meio ambiente.** 2014. Disponível em: <https://www.dsop.com.br/para-voce/noticias/2014/01/educacao-financeira-tambem-faz-bem-para-o-meio-ambiente/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

EQUIPE ORGANIZZE. **Situação financeira e saúde mental: qual a relação?** Disponível em: <https://financaspeessoais.organizze.com.br/situacao-financeira-e-saude-mental-qual-a-relacao/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

EXPERIAN, Serasa. **Número de brasileiros com dívidas atrasadas aumenta em 2 milhões e bate novo recorde, revela Serasa Experian.** 2019. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/numero-de-brasileiros-com-dividas-atrasadas-aumenta-em-2-milhoes-e-bate-novo-recorde-revela-serasa-experian>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONZALEZ, Amelia. **Pesquisa mostra que 76% não praticam consumo consciente no Brasil.** 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/amelia-gonzalez/post/2018/07/25/pesquisa-mostra-que-76-nao-praticam-consumo-consciente-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

LIMA, Ana Cristina Alves. **Educação financeira nos tempos de consumismo.** Disponível em: <https://www.uniara.com.br/cop/artigos/educacao-financeira-nos-tempos-de-consumismo/>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

LIMEIRA, Tania Maria Vidigal. **Comportamento do Consumidor Brasileiro.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 5ª Ed., 2003.

MASLOW, Abraham H. **Motivation and Personality.** New York: Harper, 1954. Tradução disponível em: https://www.cra-rj.adm.br/publicacoes/textos_classicos/Motivation_and_Personality_Traduzido/. Acesso em: 13 de maio de 2020.

MOREIRA, Alice da Silva. **Dinheiro no Brasil: um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras.** In: Estudos de Psicologia, Universidade Federal do Pará. 2002.

MULTIBENEFÍCIOS. **Repensar alimentação**: como ser mais saudável, sustentável e econômico. como ser mais saudável, sustentável e econômico. 2019. Disponível em: <https://www.multibeneficiosgpa.com.br/blog-repense/>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

NAVARRO, Conrado. **4 Efeitos Perigosos das Dívidas na Saúde e na Vida**. 2014. Disponível em: <https://dinheirama.com/efeitos-perigosos-dividas-saude-vida/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

NERY, Carmen. **Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos**. 2019. IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

NEVES, Luana. **Pirâmide de Maslow**: por que todos os profissionais deveriam conhecê-la? Disponível em: <https://andrebona.com.br/piramide-de-maslow-por-que-todos-os-profissionais-deveriam-conhece-la/>. 2019. Acesso em: 12 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Carlos Ítalo de. **Da Dívida ao Sofrimento**: as relações entre endividamento e saúde. 2018. 87 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Administração, Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/ppga/index.php/arquivos/doc_download/366-. Acesso em: 26 jun. 2020.

PELICIOLI, Alex Ferranti. **A Relevância da Educação Financeira na Formação de Jovens**. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PIRES, Valdemir. **Finanças Pessoais Fundamentos e Dicas**. Piracicaba, Sp: Equilíbrio, 2007. 114 p.

PERKTOLD, Carlos. **A cultura da confiança: a história do crédito no Brasil**. Belo Horizonte: Arte e Cultura, 2008.

PREVIC – Superintendência Nacional de Previdência Complementar. **O que é educação financeira?** Disponível em: <http://www.previc.gov.br/regulacao/educacao-previdenciaria/educacao-financeira-e-previdenciaria/o-que-e-educacao-financeira>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

SANTANA, Ana Lucia. **Consumismo**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/psicologia/consumismo/>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

SARAIVA, Karla Schuck. **Os sujeitos endividados e a Educação Financeira**. Educar em Revista, [s.l.], n. 66, p. 157-173, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.53867>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122007000600006&script=sci_arttext. Acesso em: 05 de maio de 2020.

SLEIMAN, Leila. **Dívidas? saiba as consequências para a sua saúde e como se livrar delas!** 2019. Disponível em: <https://mepoupenaweb.uol.com.br/dicas-de-riqueza/dividas-saiba-as-consequencias-para-a-sua-saude-e-como-se-livrar-delas/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

SPC, Serviço de Proteção Ao Crédito; CNFDL, Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas -. **INADIMPLENTES BRASILEIROS 2018: PERFIL E COMPORTAMENTO FRENTE ÀS DÍVIDAS**. 2018. Disponível em: https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2018/08/analise_perfil_inadimplente_2018.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2020.

STEHLLING, Priscilla e ARAÚJO, Meire. **Alfabetização Financeira**. Revista da Escola Adventista, São Paulo, 2008.

WISNIEWSKI, Marina Luiza Gaspar. **A Importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro**. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/396189232/WISNIEWSKI-2011-A-Importancia-Da-Educacao-Financeira-Na-Gestao-Das-Financas-Pessoais-Uma-Enfase-Na-Popularizacao-Do-Mercado-de-Capitais-Brasileiro>. Acesso em: 10 de maio de 2020.